

O DIVERTIMENTO E O TÉDIO EM BLAISE PASCAL

Marco Aurélio Dias Nunes Dos Anjos¹⁴⁴

RESUMO

Blaise Pascal é uma das genialidades de seu tempo. Depois de notáveis realizações na matemática e na física, o que lhe garantiu um lugar de destaque na história do desenvolvimento científico, faz uma heroica e profunda busca sobre o conhecimento do homem. Este artigo tem como objetivo analisar, investigar e aprofundar como Pascal define o homem, principalmente por sua análise do Divertimento e o Tédio. Para a seguinte investigação filosófica, analisamos também a visão do homem antes e depois do pecado original. Portanto, definimos o nosso objeto como o estudo do ato humano que busca divertir-se e, se não o faz, cai no tédio, na qual o conceito central se revela: a insuficiência humana. A Filosofia de Pascal não se limita apenas aos textos escritos unicamente por ele, mas também a uma rica rede de comentadores que ao longo dos séculos se dedicaram à compreensão da obra pascaliana. O desafio de entrar no pensamento do autor e de também compreender o homem são as motivações para a realização deste trabalho.

Palavras-chaves: Diversão; Filosofia; tédio; queda; sociedade.

INTRODUÇÃO

Blaise Pascal (1623—1662) é considerado o homem mais representativo da França de seu tempo. Ele é considerado como gênio em todas as dimensões: físico, matemático, filósofo, teólogo, polemista fulgurante, defensor do cristianismo, espírito observador e perspicaz, atento e preocupado com os problemas emergentes de sua época, atento a todas as pequenas coisas da natureza, do tempo, do espaço, estudioso das grandes descobertas dos cientistas que o antecederam em todos os tempos, guiado por uma mente inquieta que questiona todas as possibilidades de estabelecer uma razão suficiente que dê conta e explique racionalmente tudo o que nos rodeia e nos transcende. Pascal é muitas vezes comparado com as grandes figuras da cultura universal.

Não há dúvidas de que Pascal foi realmente um apologista, que soube compreender o drama de sua época e a tragédia vivida pelos homens. Sua apologia propõe métodos e

¹⁴⁴ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

conteúdos atuais, porque dirige diretamente ao coração do homem, lá onde cada um se sente amado e provocado.

Estudos pascalianos sobre o divertimento apontam que sua origem pode ser encontrada em dois filósofos especificamente: Montaigne (escritor, político e filósofo cético francês do século XVI) e Santo Agostinho (teólogo e filósofo argelino nascido no dia 13 de novembro de 354 d. C., em Tagaste, e falecido em 28 de agosto de 430 d. C., em Hipona, Argélia). Porém, Pascal reinventa esse termo atribuindo a ele características explicitamente pascalianas. Segundo ele, o divertimento é considerado como a proliferação da atividade humana, entretanto, nota-se que não há nenhuma medida comum entre o objeto e o entusiasmo. Portanto, se há um conceito que Blaise Pascal reinventou de forma original é o do divertimento. Pascal se referirá ao divertimento não segundo o modo habitual dos seus contemporâneos que se limitaram a incluí-lo em suas preocupações como o bom ou o mau uso dos prazeres mundanos. O homem se esforça para fugir de sua condição através do divertimento, o que significa que ele se deixa ser arrastado pelo movimento perpétuo do desejo e da concupiscência (*ennui*, inquietude, inconstância).

Portanto, o tema que será abordado em nosso trabalho trata principalmente deste *Divertissement* e Tédio baseados em sua obra “Pensamentos” com fragmentos reorganizados por Louis Lafuma, tendo como comentador Luís Felipe Pondé. Esclarece também o pensamento que Pascal formula em relação ao homem, qual sua condição antes e depois do pecado.

Com esta pesquisa, além de pôr em evidência o pensamento pascaliano, poderemos, de certa forma, despertar o interesse da comunidade acadêmica bem como enfatizar o conhecimento mais profundo da natureza do homem.

O divertimento é marcado por duas impossibilidades: a de fugir do divertimento e a de ser feliz por ele. É impossível ao homem levar uma vida imersa no divertimento, uma vez que o tédio e a angústia o espreitam a toda hora. Por isso, falar sobre o divertimento na obra de Pascal é, antes de mais nada, reconhecer a impossibilidade de passar pela vida sem que tenhamos momentos de diversão. Ninguém pode resistir ao repouso absoluto, porém, ninguém consegue viver uma vida absolutamente imersa no divertimento.

Desenvolveremos nosso trabalho em três partes. Na primeira trataremos de falar sobre a vida e obra de Blaise Pascal. Demarcaremos os mais importantes acontecimentos de sua vida e a sua influência para a construção de seu pensamento.

Na segunda nos adentraremos na temática do homem decaído, falando de sua condição antes e depois da queda. Começaremos por compreender o que seria o rosto decaído

do homem. Mas, para esta compreensão acontecer, é preciso analisar a diferença entre os dois estados de natureza, o homem antes e depois da queda, do pecado.

Por último, esclareceremos o conceito de *Divertissement* e o Tédio, como eles acontecem e influenciam a vida do homem. É por isso que se torna interessante falar sobre esse tema, já que, no mundo atual, a única coisa que mais importa é divertir-se. Mas porque divertir? Tem medida? Quando, onde, como e com o que podemos nos divertir? Não temos respostas definitivas, nem é nosso objetivo, mas Pascal nos oferece pistas para nossa reflexão.

A VIDA DE PASCAL

Blaise Pascal nasceu no dia 19 de junho de 1623, na atual cidade francesa de Clermont-Ferrand. Seu pai, Etienne, tinha trinta e cinco anos quando Blaise nasceu. Etienne era um advogado de sucesso. Vivia bem com uma profissão tradicionalmente próspera. Porém, apenas três anos depois, sua esposa, Antoinette, veio a falecer e ele teve de ficar responsável por três filhos: Gilberte, Jacqueline e Blaise, uma criança aparentemente doente. Blaise foi criado sem mãe e era filho único entre uma irmã mais velha e outra mais nova. Esse fato, juntando com o dele ter uma saúde precária, parece ter marcado de forma permanente o seu desenvolvimento afetivo, de modo que sempre ficava perturbado com exibições de afeto ou emoção por parte dos outros.

Etienne, que além de advogado era um matemático notável, decidiu contribuir com a educação do filho em casa, não permitindo que fosse à escola, também para zelar pela saúde frágil de Blaise, poupando-o da dureza e confusão de uma vida escolar diária corrida. Em 1631 a família se muda para a capital Paris, foi então que Etienne desistiu de todos os deveres oficiais e teve tempo para cumprir seu propósito de educar o filho de todas as formas possíveis. Pascal então seguiu um curso sob a supervisão do pai, que lhe ensinou Latim, Grego, Matemática e Ciências. Ele também, por intermédio do pai, conheceu figuras importantes, como o agente não oficial de René Descartes (1596 – 1650), frade menor padre Mercenne¹⁴⁵, que pertencia ao mesmo círculo de estudos de Etienne Pascal. Com a publicação do Discurso do Método de Descartes, foi possível pela primeira vez que o público crescente de amadores pudesse ter, em francês, assuntos sobre óptica, meteoros e geometria.

¹⁴⁵Cf. KRAILSHEIMER, Alban. *Pascal*. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Portuguesa, 1983. p.15.

Posteriormente, com a revolução cartesiana, Blaise chegou até ter um confronto direto com a obra do próprio autor¹⁴⁶.

Ainda que Pascal não tenha ido à escola, não lhe faltava o louvor e o encorajamento dos reconhecidos mestres do círculo de estudos de seu pai. Eram os mais famosos matemáticos da França¹⁴⁷. Pascal desde criança tinha um extraordinário interesse pelo conhecimento e isso sempre foi percebido pelo pai, que tinha grande carinho por seu único filho homem. Etienne, embora tenha ensinado matemática a seu filho, posteriormente relutou em fazê-lo. O pequeno aprendiz, tomado pela curiosidade, pedia ao mestre que lhe ensinasse aquilo que tanto lhe fascinava. De modo geral, o pai explica que a matemática serviria apenas para fazer figuras exatas e encontrar proporções que mantinham entre si. Depois de dizer isso, o proíbe de fazer mais perguntas.

Com o espírito inquieto Pascal não podia se manter dentro desse limite imposto pelo pai. Com a abertura recebida, passou a sonhar com o resto, ou seja, com as tais figuras exatas, tanto que em suas recreações voltava às figuras onde insistentemente buscava desenhá-las com a maior perfeição. Não conhecendo as definições exatas de cada figura, começa a denominá-las. Como por exemplo, chama o círculo e o triângulo de argola e barras.

O jovem Blaise lidava com a matemática com “um dom quase mágico” e sem esforço¹⁴⁸. Quando tinha doze anos, descobriu o Teorema de Pitágoras, por métodos de faça você mesmo. Étienne Pascal, surpreso diante da capacidade do filho, aceita o conselho de um amigo e desfaz a proibição, permitindo que participe das conversas sobre a ciência matemática.

Em 1638 a família Pascal refugia-se na província de Auvergue para escapar da prisão, pois Etienne havia participado de uma manifestação contra uma ação do governo. Mais tarde Étienne Pascal recebe anistia sob a condição de desenvolver trabalhos na coletoria de impostos da conturbada Normandia, local de conflito com os camponeses que se negavam a pagar impostos. Blaise Pascal esteve ao lado do pai dando-lhe apoio, esta proximidade o fez perceber as dificuldades de calcular, motivando-o a inventar a máquina aritmética (calculadora posteriormente), em 1642¹⁴⁹. Sua criação é considerada revolucionária. Essa transformava a máquina em ciência até então concebida somente no espírito.

Em 1646, porém, aconteceu algo que o levaria a um novo rumo na sua vida. Etienne havia adquirido uma ferida na perna e, por causa disso, foi tratado por dois irmãos,

¹⁴⁶ Ibidem.p.15.

¹⁴⁷ Ibidem. p.15.

¹⁴⁸ Ibidem. p.16.

¹⁴⁹ Ibidem. p.19.

cavalheiros locais jansenistas, que praticavam a arte por razões caritativas ligadas à sua fé. No decurso de uma nova estrada, que eventualmente durou três meses, converteram toda a família, que se pôs sob a direção de um padre local com as mesmas simpatias, Pe.Guillebert. Essa, chamamos de a primeira conversão de Pascal¹⁵⁰, mas não é fácil falar disso, pois não sabemos nada sobre a vida espiritual dele antes desse fato. O efeito principal dessa primeira conversão parece ter sido o reconhecimento de um novo e mais exigente conjunto de valores espirituais, de uma prática mais consciente da fé sem qualquer obrigação específica, de um modo de vida essencialmente diferente do que já tinha. A irmã, Jacqueline, em breve sentiu o chamado à clausura e teve desejo de juntar-se às freiras de Port-Royal. Seu pai não gostou da ideia.

Em 1647 Blaise adoece, provavelmente por excesso de trabalho, então muda-se com sua irmã Jacqueline para Paris, seguidos pelo pai um ano depois. Naquele mesmo ano de 1647, recebe duas visitas do Sr. Descartes¹⁵¹. Nestes oportunos encontros o assunto não podia ser outro, além das experiências, discutiram sobre o vazio. Mas Pascal não se deixava influenciar pelos métodos cartesianos, publica e redige um novo tratado sobre o vácuo. Em 1648 faz experiências sobre a pressão atmosférica na torre de Saint-Jacques em Paris e redige a descrição sobre suas experiências dos licores.

Em setembro de 1651 Etienne Pascal vem a falecer e três meses depois Jacqueline realiza seu desejo de entrar no convento de Port-Royal em Paris. A Partir daí, em janeiro de 1652 Blaise estava sozinho e independente. Ficou com toda a herança do pai e Jacqueline fica com uma renda vitalícia. Ela ainda exige do irmão uma parte da herança a fim de doar ao convento. Pascal atende ao pedido, embora relatos digam que ele não tenha gostado do episódio. No ano seguinte escreve mais dois tratados: do equilíbrio dos licores e da gravidade da massa de ar. No período de 1651 a 1654 Blaise Pascal frequenta o ambiente tido como mundano, salões de festas, artes, modas, conversas desinteressadas. No entanto, são poucos os relatos para afirmar que tenha vivido uma vida libertina e de esbanjamentos. De repente, na noite de 23 de novembro de 1654, teve uma experiência que como ele mesmo escreveu, determinou decisiva e imediatamente o curso dos anos seguintes. Aconteceu que Pascal se sentiu como que capaz de ultrapassar os obstáculos para chegar a um amor de Deus total e comprometido através de Jesus Cristo. Esses obstáculos seriam, sobretudo, o orgulho, especialmente o intelectual, e o egoísmo. Nessa noite, sentiu-se reconciliado com Cristo e

¹⁵⁰ Ibidem. p.20.

¹⁵¹ Ibidem. p.23.

decidiu, daí em diante, entregar-se totalmente ao serviço de Deus e do próximo. Essa experiência é considerada a sua segunda conversão¹⁵². De 1654 a 1662 Pascal passa por três acontecimentos que marcaram definitivamente a sua vida: um acidente na ponte Neuilly, o milagre do Santo Espinho e a noite do dia 23 de novembro.

No episódio do acidente com a carruagem, os dois cavalos da frente saem em disparada fazendo com que sejam jogados para fora da ponte em uma parte onde não havia muretas ou guias de segurança. A carruagem fica muito próxima de cair no precipício. A sobrevivência para Pascal não foi um simples acontecimento, mas sim a mão salvadora de Deus. O milagre de Santo Espinho envolve a sobrinha Margarite, filha de sua irmã Gilberte Périer. A menina sofria há três anos de uma grave inflamação lacrimal que se recusava a cicatrizar. Esta doença é tida pelos médicos como incurável. Na escola onde ela estudava foi levado um relicário que continha um fragmento da Santa Coroa de Cristo. A religiosa ousou tocar o fragmento no olho da pobre menina, no mesmo dia a pequena Margarite tem seu sofrimento estancado, o olho parou de expelir a inflamação e em poucos dias estava cicatrizado. Os médicos declararam a cura miraculosa. Mais uma vez Pascal percebe a ação de Deus sobre um membro de sua família e a compreende como uma resposta indiretamente direcionada a ele.

O acontecimento do dia 23 de novembro de 1654, tido como ano da graça, o dia em que Pascal teve uma noite de iluminação e êxtase, foi algo bastante intrigante. Este relato só foi descoberto após a sua morte, pois estava em um pergaminho escrito em breves palavras no interior de sua roupa. Este dia ficou conhecido como “o Memorial”, descrito na obra *Pensamentos*, uma de suas principais obras, senão a principal, publicada após sua morte.

O seu pensamento é muito atual e pode auxiliar na compreensão do mundo moderno. O filósofo é muito conhecido pelo seu pensamento um tanto quanto trágico e se pode dizer até um pouco pessimista em relação à antropologia e ao estado em que o ser humano se encontra.

O último ano da vida de Pascal foi sombrio, cheio de doença e desgosto. Nunca foi muito bem diagnosticada a sua doença. Blaise Pascal morreu de esgotamento físico ao dia 19 de agosto de 1662. Foi enterrado na igreja paroquial de Saint-Étienne-du-Mont, onde ainda se pode ver sua memória, junto do que agora é o Panteão¹⁵³.

¹⁵²Ibidem.p.24.

¹⁵³Ibidem. p.28.

O ROSTO DO HOMEM DECAÍDO EM PASCAL

Para o filósofo, o homem é um ser decaído pelo pecado original. Ele não pode conhecer a essência de Deus, por esse motivo não se pode provar racionalmente a existência de Deus. Pascal não é simplesmente um teólogo, ele parte da antropologia e de uma análise das fraquezas e limitações humanas para, assim, chegar a Deus. Ele opera uma discussão ao nível da filosofia da religião. A sua discussão é basicamente fundamentar a antropologia em bases teológicas.

O homem, ao ser criado por Deus, por sua vez contemplava a Deus. Era justo e forte. Não continuou nesse estado, pois pecou. O pecado original exerce implicações diretas na condição humana. O cerne da antropologia de Blaise Pascal é o princípio teológico de que o homem é um ser que decaiu de Deus.

No entanto, como o homem não pode ter provas absolutas da existência de Deus pois o pecado original criou um abismo entre Deus e o homem, ele precisa apostar nesse ser supremo. O argumento da aposta não é baseado na verdade, mas na vantagem. Por outro lado, Pascal pode ser considerado um *autor trágico*, na medida em que observamos que não há referências fixas e seguras em seu pensamento, não sendo nem a religião essa base segura.

O homem tem uma condição essencial que é porventura pavorosa. Este busca meios necessários para se livrar dessa condição. O nosso autor, Blaise Pascal, utiliza o termo miséria para denominá-la. Nela estão inseridos os seguintes termos: tédio, angústia, desespero, vazio. Pode-se dizer que tudo isto é consequência do afastamento de Deus.

Entregue a si mesmo, o homem não encontra qualquer justificação que possa dar um significado ao seu aparecimento no mundo, ao espaço onde se vive ou ao tempo de sua existência.

Ao ver a cegueira e a miséria do homem, ao olhar todo o universo mudo e o homem sem luz, abandonado a si mesmo, e como perdido neste recanto do universo sem saber quem aqui o colocou, o que veio fazer aqui, o que se tornará quando morrer, incapaz de qualquer conhecimento, fico apavorado como um homem a quem se levasse adormecido para uma ilha deserta e pavorosa, que acordasse sem a reconhecer e sem meios de sair dela. E sobre isso admiro como não se entra em desespero diante de tão miserável estado. Vejo outras pessoas perto de mim de semelhante natureza. Pergunto-lhes se estão mais bem informados do que eu. Dizem-me que não e, a partir daí, esses míseros extraviados, tendo olhado em torno de si e tendo visto alguns objetos agradáveis, entregam-se a eles e a eles se apegam. Quanto a mim, não pude criar apegos e, considerando quanto existe mais de aparência, que

existe outra coisa além daquilo que vejo, procurei ver se esse Deus não teria deixado alguma marca de si [...] (PASCAL, 2001, p. 78)¹⁵⁴

Assim Pascal demonstra toda sua inquietude, o que lhe serve de reflexão para uma longa caminhada que se propõe a realizar. Desta maneira, situado numa visão de mundo em que o pensamento surge da existência do homem incessantemente confrontando consigo mesmo, parece-nos que em sua caminhada científica não encontrou nenhuma das respostas e todos os que estavam neste universo não foram capazes de se situarem, por isso os chama de míseros extraviados.

O homem não sabe em que posição se colocar, está visivelmente extraviado e decaído de seu verdadeiro lugar sem poder reencontrá-lo. Busca-o por toda parte com inquietação e sem sucesso em meio a trevas impenetráveis.(PASCAL, 2001, p.154)¹⁵⁵

Ele parte da própria experiência que teve no período mundano, olha para si e percebe a miséria e o desejo de felicidade. A partir desta experiência se coloca diante de perguntas antropológicas da condição humana – “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?”.

Para Pascal, o homem possui um duplo estado de natureza. No primeiro ele se encontra em estado de graça, estava em harmonia de corpo e alma, numa vida plena. No entanto, mesmo estando em vida plena, é insuficiente, cai no orgulho e no afastamento do Criador. Com o pecado adâmico o homem cai na desgraça. Este é o segundo estado da natureza que cria no homem um vazio infinito e inexplicável tanto quanto o mistério de Deus.

Deste modo, Pascal passa a compreender o porquê de o homem ter a irresistível atração pelas criaturas e as coisas; a isso ele chama concupiscência da vontade, uma dinâmica de buscar o estímulo e o deleite com o objetivo de completar o infinito vazio deixado por esta segunda condição. Podemos dizer que há uma marca no coração do homem. Esta é o desejo de felicidade sentido no coração que a razão não é capaz de compreender. Como nos diz Pascal em seu fragmento:

Eis aí o estado em que os homens estão hoje. Resta-lhes um vago instinto impotente da felicidade da sua primeira natureza, e estão mergulhados nas misérias de sua cegueira e de sua concupiscência, que se tornou a sua segunda natureza. (PASCAL, 2001, p.63)¹⁵⁶

¹⁵⁴ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Laf. 198, Bru. 693. p. 78.

¹⁵⁵ Op. Cit. Laf.400, Bru. 427. p.154.

¹⁵⁶ Op. Cit. Laf. 149, Bru. 430. p.63.

Portanto, Pascal faz menção ao estado atual do homem, ou seja, a segunda natureza. A partir da interpretação feita dos *Escritos sobre a Graça*, é notório que nosso autor descreve a concupiscência como uma força que vem do homem, implantada nele pelo diabo. Nela, por causa da tentação, o homem contrai culpa e chega a cair em pecado. Logo, a concupiscência começa por interferir nos desejos do homem, que antes eram puros e direcionados à contemplação da face de Deus Criador.

Adão, ao ser criado por Deus, foi feito isento de vícios com todos os dons necessários para manter-se neste estado de pureza. No entanto, não teve o dom da perseverança efetiva na graça, dom que faz os santos de hoje serem infalivelmente salvos.

Deus preferiu ordenar as coisas de maneira que o destino eterno do homem estivesse nas mãos de seu próprio livre arbítrio ficando, no entanto, a possibilidade do pecado. Esta se funda na própria situação ontológica do homem: ele não é puro ser. Todavia, apesar desta possibilidade, o homem era forte e não tinha nenhuma atração pelo pecado. Ele não teria caído se não fosse pela sugestão do demônio que o levou a pensar em ser perfeito tanto quanto Deus, de ser Deus. Foi despertado o espírito de orgulho na alma humana. É, no entanto, sobre esta alma que não resistiu às tentações que a culpabilidade recai, e não sobre o ato em si que apenas resultou daquela fraqueza.

Portanto, a concupiscência elevou-se em seus membros, estimulou e deleita sua vontade no mal, e as trevas encheram seu espírito de tal forma que sua vontade, inicialmente indiferente ao bem e o mal, sem encanto ou estímulo nem para um, nem para outro, mas seguindo, sem nenhum apetite preventivo de sua parte, aquilo que o homem conhecia de mais conveniente para sua felicidade, encontra-se agora seduzido pela concupiscência que se elevou em seus membros. E seu espírito fortíssimo, justíssimo, esclarecidíssimo, está escurecido e na ignorância. (PASCAL, 1963, p.317)¹⁵⁷

Dessa forma, o homem passa a não perceber a diferença entre o bem e o mal. Ele já não escolhe suas ações visando a cometer um bem ou evitando que seja produzido por seus feitos algum mal qualquer. A felicidade momentânea do homem passa a ser o objetivo em todo o seu agir. É, portanto, o que lhe concede maior prazer e satisfação em seu corpo, seus desejos terrenos e paixões, e o que alimenta o amor infinito que passa a ter por si próprio. É o mais apetecível de ser feito e buscado na visão humana enferma e completamente distorcida descrita por Pascal no *divertissement*.

¹⁵⁷ PASCAL, Blaise. *Escritos sobre a graça*. Edição de Louis Lafuma. Tradução de Andrei Venturini Martins. Paris: Seuil, 1963, p. 310-348. 317b.

Todos os homens que vieram de Adão herdaram dele a situação de miserabilidade, impotência e de impossibilidade de contemplar o bem e desejá-lo puramente. Nas palavras de Pascal, são como o fruto de uma semente ruim, inábil para produzir bons frutos distintos dela mesma. É necessário ressaltar que este homem corrompido não deixou de desejar a vida eterna e a beatitude (resquícios de sua primeira natureza). Porém, abandonou os mandamentos e os princípios de Deus e começou a tentativa de alcançá-los por seus próprios feitos.

Condição do homem antes da queda

Consiste na condição como primeiro estado do homem criado por Deus sendo reflexo do seu próprio Criador que não poderia criar senão um homem “justo”. Ele, no estado de santidade, contempla a face de Deus, pois a natureza inteira estava disposta em função Deste.

Deus criou o primeiro homem, e nele toda a natureza humana. Ele o criou justo, são e forte. Sem nenhuma concupiscência. Com livre-arbítrio igualmente flexível ao bem e ao mal. Desejando a sua beatitude e não podendo não a desejá-la. (PASCAL, 1963, p.317)¹⁵⁸

Desejando a beatitude divina o homem se vê no caminho da felicidade máxima. É viável ressaltar que o livre arbítrio não significa excluir a hipótese da queda, e que “Deus deixa e permite a Adão o bom ou o mau uso desta graça”.¹⁵⁹ Também não significa dizer que Deus o tenha criado, salvo ou condenado.

Deus não pode criar nenhum dos homens com a vontade absoluta de condená-los. Deus não criou os homens com a vontade absoluta de salvá-los. Deus criou os homens na vontade condicional de salvar a todos universalmente se eles observassem seus preceitos. PASCAL, 1963, p.317a)¹⁶⁰

Por conseguinte, ser criado por Deus é ser limitado, caso contrário, ele mesmo, o homem, seria o Criador e não a criatura. A natureza do homem antes de ser corrompida pelo pecado não é uma natureza sem limites. Assim, mesmo o ato de cumprir os mandamentos de Deus só é possível se Deus lhe der tal graça necessária.

Enfim, o que se pode dizer do estado de natureza antes da queda é que o homem foi criado justo, são e forte por Deus. Seu arbítrio é ponderado, não pré-condicionado ao bem nem ao mal. A beatitude é desejada e sua possibilidade só acontece com o cumprimento dos

¹⁵⁸Op. Cit. p. 317a.

¹⁵⁹Op. Cit. p. 317b.

¹⁶⁰Op. Cit. p.317a.

preceitos divinos, o que significa que Deus não cria o homem absolutamente para a salvação ou para a condenação. É o homem quem decide que caminho seguir. Esta decisão só é possível mediante o auxílio da graça que é abraçada ou negada por ele. Deus não concede os mandamentos sem conceder também a graça necessária para cumpri-los, caso contrário, seria autor do pecado, o que seria uma contradição.

Condição do homem depois da queda

Após o pecado o homem tornou-se pequeno e miserável pelo fato de querer fazer-se o centro de si mesmo, de querer ser como Deus, de comparar sua grandeza com a grandeza de Deus pensando que podia ser grande por si só, afastando de si mesmo uma eternidade de vida e felicidade para si e seus descendentes. Ao deixar o orgulho prevalecer, este o conduziu à miséria, ao pecado original. Sem entender este mistério fica inconcebível compreender o estado atual do homem, ou seja, sua condição pós-queda adâmica. Esta queda trouxe sérias consequências à humanidade:

Este pecado passou de Adão à toda sua posteridade que foi corrompida com ele como um fruto saindo de uma malvada semente, assim, todos os homens saídos de Adão nascem na ignorância, na concupiscência, culpados do pecado de Adão e dignos de morte eterna (PASCAL, 1963, p.317b)¹⁶¹

Desse modo, segundo a narrativa bíblica, a consequência primeira deste pecado é a morte. Esta morte entendida como vimos acima não é uma morte meramente biológica, conclusão do ciclo da vida: nascer, crescer, multiplicar, envelhecer e falecer. Mas, é entendida como condenação eterna, como rompimento da comunhão com Deus.¹⁶²

No estado de perfeição, antes do pecado, todas as faculdades de Adão eram ordenadas para lhe permitir atingir a felicidade representada pela visão do conhecimento de Deus. Após o pecado, o homem se tornou tão miserável que nenhuma de suas boas ações pôde compensar o mal criado por Adão, em que até mesmo o livre arbítrio foi atingido por este mal:

O livre arbítrio continuou flexível ao bem e ao mal; mas com esta diferença, se Adão não tinha nenhum estímulo ao mal, de modo que bastava conhecer o bem para poder ser dirigido por ele, agora, porém, tem uma suavidade e um deleite tão potente no mal, pela concupiscência que infalivelmente o dirige

¹⁶¹ Op. Cit. p.317b.

¹⁶² Cf.: Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer”. (Gênesis 2, 15-17).

como seu bem, assim, ele escolhe o mal voluntariamente, livremente e com alegria, como o objeto onde sente sua beatitude. (PASCAL, 1963, p.317b)¹⁶³

O livre arbítrio agora está corrompido, o bem já não é querido como antes. O mal exerce um poder de atração de forma quase que exclusiva. Logo, as qualidades do mal dominam a natureza atual do homem, isso se tornou possível devido ao pecado. Assim sendo, a primeira natureza do homem é perdida. Entra em cena uma “nova natureza”, a natureza do homem decaído. Nesta, ele já não consegue ver claramente o que é o Verdadeiro Bem. Tudo se torna como parte de sua natureza. O sentido de verdadeiro bem também entra em decadência. Assim, tudo se torna o verdadeiro bem, inclusive e especialmente o que não é o bem verdadeiro.

Através de Adão, o homem escravizou-se à concupiscência. Depois disto, as formas de amar que lhe foram dadas por Deus na criação passam a ser diferentes. De acordo com a reflexão pascaliana, pode-se entender que antes havia um amor do homem para consigo mesmo, mas este era limitado. Ao mesmo tempo havia um amor infinito direcionado a Deus. Após a queda adâmica o homem ficou preso às suas vontades, busca meios que não condizem com o plano de Deus para realizá-lo. Ele está voltado para seus interesses próprios, é como se seu corpo lutasse contra a alma e ambos lutassem contra Deus.

O DIVERTIMENTO E O TÉDIO

Esta teoria consiste na condição do essencial do homem aplicada a todos os seres humanos, estes que têm diante de si a ordem eterna da natureza levando a contemplar duas realidades, a da grandeza e da pequenez; a grandeza do universo, do criador e de toda a sua benevolência se contrapondo com a pequenez do homem que se vê mísero e insignificante diante de tal magnitude.

Para Pascal o homem foi, é e sempre será marcado por esta condição de miséria que impede o ser humano de saber as coisas com certeza e o faz ignorar o que é indispensável e absoluto.

¹⁶³ PASCAL, Blaise. *Escritos sobre a graça*. Edição de Louis Lafuma. Tradução de Andrei Venturini Martins. Paris: Seuil, 1963, p. 310-348. 317b-318a

Divertimento

O filósofo apresenta um estágio da existência em que o homem vivia em um estado de graça, contemplava Deus face a face, nesse estado o homem era forte e justo. Com o pecado original isso acabou trazendo ao homem a fraqueza e a injustiça. O homem caído agora é um ser miserável e sabe que só Deus é capaz de preencher o vazio que existe dentro dele. Na busca do preenchimento deste vazio o homem se desvia e busca meios que possam ocupar este vazio de forma mais prazerosa, com coisas finitas, caindo assim no divertimento. Este, por sua vez, tem como finalidade distrair o homem daquilo que ele realmente é fazendo com que, mesmo que por pouco tempo, o homem se esqueça de seu estado de miséria, de sua finitude.

Pascal usava do termo *caniço pensante* para poder definir o que é o homem. O homem é pequeno e frágil, mas grande e forte porque tem a faculdade de pensar. A dignidade e grandeza do ser humano se encontram no pensamento. Isso desde que o leve a reconhecer o estágio, a condição humana de miséria e pequenez. É preciso compreender que a grandeza do homem está nisso: em pensar bem. E pensar bem é ter consciência das limitações e do estado em que nos encontramos.

Há também no homem a ação das forças enganadoras, sendo elas: imaginação, costume e o próprio divertimento. O homem tem sua razão orientada e domada pela imaginação. O costume, por sua vez, cria a forma de ver o mundo e os juízos, para ele todos os nossos princípios são de hábito.

Quanto ao divertimento, ele é usado pelo homem a fim de esquecer seu estado de fragilidade, de pequenez, de finitude. O divertimento não está apenas relacionado ao lazer, mas também a um trabalho, uma ocupação qualquer, uma posição política, os estudos ou ainda a uma vida religiosa. Algo interessante é que ele aponta que o homem não consegue ficar sozinho em um quarto pois sentirá tédio e angústia por isso sempre o estará buscando, para assim desviar-se do ato de pensar na sua existência vazia e miserável.

O intérprete Pondé¹⁶⁴ evidencia que Pascal, ao pensar o *Divertimento*, afirma com certeza absoluta que há no homem uma condição natural: a miséria em suas diversas manifestações.

Ao permanecer em repouso o homem passa a considerar-se mais profundamente, e ao fazê-lo depara-se com sua condição natural de miséria. Sendo assim, o homem não pode se

¹⁶⁴ Cf. PONDÉ, Luis Felipe. *O Homem insuficiente*: comentário de antropologia pascaliana. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2001. p. 237.

permitir estar em repouso e refletir sobre si. A maneira de evitar que isso ocorra é ter um desvio de atenção, uma distração proposital: *O Divertimento*.

Quando às vezes me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos, e as penas a que se expõem na Corte, na guerra de onde nascem tantas desavenças, paixões, ações ousadas e muitas vezes maldosas etc, repeti com frequência que toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto. Um homem que possui bens suficientes para viver, se soubesse ficar em casa com prazer, não sairia para ir pelo mar ou ao banco de uma praça; não se pagaria tão caro por uma patente no exército a não ser que se achasse insuportável não sair da cidade, e não se buscam as conversações e os divertimentos dos jogos a não ser que não se tenha prazer em ficar em casa. Etc. (PASCAL, 2001, p.50)¹⁶⁵

O homem, miserável e ao mesmo tempo grande, se expõe a perigos, à guerra, a paixões. A infelicidade existe por o homem não ter capacidade de ficar sozinho; busca uma constante agitação e pensa que, com essa agitação será feliz, divertindo-se. O homem deveria saber ficar em casa e aproveitar esse tempo de descanso com prazer e, assim, não precisaria buscar jogos, prazeres e divertimentos.

Mas, quando considerei de mais perto e, depois de ter encontrado a causa de todos os nossos infortúnios, quis descobrir-lhes as razões, encontrei que existe uma realmente efetiva que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável que nada nos pode consolar quando a consideramos de perto. (PASCAL, 2001, p.50)¹⁶⁶

Pascal busca e encontra a causa na infelicidade natural. Esta seria a incapacidade de aquietar-se; a incapacidade de ficar em casa e aproveitar esse tempo com prazer. Encontrada a causa, o autor busca suas razões e, nessa, descobre no homem uma condição de “infelicidade natural” e essa, olhada de perto, seria algo que nada poderia consolar.

O único bem dos homens consiste, pois, em divertir, o pensamento de sua condição, ou por uma ocupação que dele os desvie, ou por alguma paixão agradável e nova que os ocupe, ou pelo jogo, a caça, algum espetáculo atraente e finalmente por aquilo a que se chama divertimento. (PASCAL, 2001, p.51)¹⁶⁷

¹⁶⁵ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Laf. 136, Bru 139. p. 50.

¹⁶⁶ Op. Cit. Laf. 136, Bru 139. p. 50. 2º par.

¹⁶⁷ Op. Cit. Laf.136, Bru. 139. p. 51.

O homem, que tem o coração “oco e cheio de lixo”¹⁶⁸, vive em constante busca de ocupação, e isso ele o faz para desviar o pensamento de sua própria condição miserável, para fugir de si mesmo. A isso chama divertimento (*divertissement*). Busca o entretenimento com mulheres, na guerra, no desejo pelos grandes empregos. Mas na verdade, não necessariamente existe felicidade nessas coisas mas, sim, o trabalho que se tem para consegui-las.

Não se quereria ou se daria tanta importância a uma lebre, ganhada de mão beijada, mas sim se foi gasto tempo e se foi tido cansaço no exercício da caça. Até mesmo um rei, que tem a mais bela posição do mundo, está cercado de coisas que o divertem, que o tiram de si mesmo, pois se o deixassem pensar sobre aquilo que ele é e todas as possibilidades de males que podem afligir seu reino ou a si mesmo poderia ficar até mesmo mais infeliz que o menor de seus súditos.

Se alguém está, por algum motivo, estressado, fatigado, doente ou outros males, diz-se a essa pessoa que busque repouso, que fique tranquila, que descanse. Em outras palavras, aconselha-se que viva feliz. Mas isso seria quase uma contradição, pois seria contra a natureza do homem, que é buscar o divertimento. Então, mesmo esse homem cansado e estressado, não vai buscar o repouso para se sentir melhor mas, sim, algum tipo de agitação. Pascal nos coloca um resultado ou consequência dessa situação:

Assim, tem-se dificuldade em recriminá-los; o seu erro não está em buscarem o tumulto. Se não o buscassem senão como divertimento, mas o mal está em que eles o buscam como se a posse das coisas devesse fazê-los verdadeiramente felizes, e é aí que se tem a razão de acusar a sua busca de vaidade, de maneira que em tudo isso, tanto aqueles que recriminam quanto aqueles que são recriminados, não ouvem a verdadeira natureza do homem. (PASCAL, 2001, p.52)¹⁶⁹

Se o homem refletisse minimamente, veria que nada disso é capaz de satisfazê-lo. Não percebe que não está buscando a presa, mas sim somente a caçada. Mas não todos são assim. O patrão que busca a caçada acredita que isso é de grande prazer, mas o servo que conduz os cães, crê que depois disso terão um momento prazeroso de descanso. Os dois não buscam, na verdade, nada mais que a agitação.

Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação. Ele sente então todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio.(PASCAL, 2001, p.268)¹⁷⁰

¹⁶⁸Op. Cit. Laf.139, Bru. 143. p. 57.

¹⁶⁹Op. Cit.Laf.136, Bru 139,p. 52.

¹⁷⁰Op. Cit.Laf.622, Bru. 131. p.268.

A diversão – o *divertissement* é a fuga da visão lúcida e consciente da miséria humana. Mas toda a nossa grandeza consiste no pensamento. Conforme Pascal nos explica “O homem é visivelmente feito para pensar. É toda a sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever está em pensar direito. Ora, a ordem do pensamento é começar por si, e por seu autor e fim.”¹⁷¹

O universal do *divertissement*, enquanto conceito, é que ele traduz as misérias das ocupações particulares do homem como descrição de um estado que tem sua causa como desvio da própria condição humana “sem examinar todas as ocupações particulares, basta compreendê-las sob o divertimento.”¹⁷²

O divertimento é o conceito universal que abrange todas as ocupações humanas. No entanto, tal desvio é que faz conceber a causa teológica da vida enquanto drama que se expressa no vazio infinito do homem sem Deus. Ele, além de nos apresentar a aguda visão de Pascal sobre a natureza humana, mostra a riqueza de perspectivas do real e, simultaneamente, a estreiteza do olhar humano.

Divertissement – Se o homem fosse feliz, tanto mais o seria quanto menos se divertisse, como os santos de Deus. Sim; mas não é ser feliz poder alegrar-se pelo divertimento? – Não, porque ele vem de outra parte e de fora; e assim é dependente e, por toda parte, sujeito a ser perturbado por mil acidentes que fazem as aflições inevitáveis. (PASCAL, 2001, p.49)¹⁷³

Por conseguinte, Pascal estabelece uma espécie de diálogo. Se o homem fosse feliz ele não buscaria o *divertissement*, não se desviaria da sua própria condição. Isso porque estaria plenamente feliz, algo que os santos de Deus desfrutam, pois possuem uma felicidade sublime que não pode ser perdida em função do seu estado de santidade.

Assim aquele que dialoga com Pascal objetiva-lhe da seguinte maneira: mas quem está no divertimento alegra-se, porém, de outra maneira. Em contrapartida Pascal responde: é um divertimento que vem de fora e pode ser perdido a qualquer momento, por qualquer acidente. Logo, tal possibilidade faz a aflição do homem.

O filósofo constata a agitação da vida humana, e vê o quanto ela é sem sentido. A estupidez dos homens o choca a tal ponto que não lhe resta dúvidas de que a infelicidade dos homens vem de não saberem ficar em repouso. O divertimento nada mais seria do que um

¹⁷¹Op. Cit.Laf.620 Bru 146.p.268.

¹⁷²Op. Cit.Laf.477, Bru. 406. p.195.

¹⁷³Op. Cit.Laf.132, Bru. 170. p.49.

meio que o homem utiliza para esconder ou fugir da sua natureza corrompida. Desta maneira, volta a repetir o pecado adâmico. Da mesma forma, quando se refere à caça como divertimento, expressa que os bens contingentes não completam o homem pelo fato de que a sua felicidade está voltada para as coisas do alto, ou seja, para o Criador. Consequentemente, o divertimento é um movimento onde o homem busca o objeto desejado, e tendo-o alcançado não consegue ficar na condição de saciado, pois permanecer na condição de saciado é cair no tédio, angústia, desespero.

Tédio

Pascal trata do conceito de *Divertissement* como uma forma que o homem tem para ser feliz esquecendo, assim, de sua condição de infelicidade atual. O homem deve olhar para si e reconhecer que ele necessita de Deus, e permanecer assim em pleno repouso, buscando voltar sua vida para o Criador, colocando-se como homem dependente de Deus. Com isso Pascal elaborava sua antropologia fundamentada nesse ser criador e mantenedor. Contudo, o homem não consegue permanecer neste repouso pois se encontra em um estado deplorável de sua natureza, desta forma este total repouso para voltar-se ao criador se torna algo insuportável e incômodo, isto pelo fato do homem se ver mergulhado em sua miséria, esta miséria, por sua vez, é o *Ennui* ou *tédio*¹⁷⁴.

Tédio. Nada é mais insuportável para o homem do que estar em pleno repouso, sem paixões, sem afazeres, sem divertimento, sem aplicação. Ele sente então todo o seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua impotência, seu vazio. Imediatamente nascerão do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a mágoa, o despeito, o desespero. (PASCAL, 2001, p.268)¹⁷⁵

O nosso autor ressalta que a diversão serve apenas para tirar o homem de si mesmo, pois nenhum ser humano deseja reconhecer-se a pior criatura da face da terra, esta diversão é o movimento natural do homem para não reconhecer-se, não olhar para si.

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E, no entanto, é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair

¹⁷⁴ O tédio segundo Pondé, “é aquele fantasma que fica atrás da porta o tempo todo. É muito difícil desviar desse sentimento de abandono ou o sentimento de que o tempo foi passando e o homem vai perdendo a capacidade de sedução, as pessoas já não se interessam por ele, ou mesmo depois de certa idade, que se não acontece a vida, provavelmente não acontecerá mais, então, é normal que no final o homem procure o divertimento” (PONDÉ. Tédio, divertimento e o vazio. 2014).

¹⁷⁵ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. p.268.

dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte. (PENSAMENTOS, 2001, p.157)¹⁷⁶

A se ver na posse desta distração, fica distraído no tempo, chegando ao momento de sua morte sem ao menos saber de si. Perder-se no tempo, desta forma, é considerado cair na maior das misérias. Eis o que é o *divertissement*, o divertimento como uma miséria que não nos permite pensar. Ao se deixar levar por essa diversão, o homem se afasta da verdade de si mesmo e da verdade sobre Deus, se afasta do próprio Deus. Assim, estando no *divertissement*, ele não se apercebe afastado de si ou de Deus, fica como que anestesiado no tempo.

Assim se escoia toda a vida; procura-se o repouso combatendo alguns obstáculos e, se eles forem superados, o repouso torna-se insuportável pelo *tédio* que gera. Faz-se necessário sair e mendigar o tumulto. (PASCAL, 2001, p.53)¹⁷⁷

Não tendo o divertimento, o homem até descansa ou tem momentos de prazer no ato de fazer nada, no repouso. Mas isso tem como consequência o voltar-se para si mesmo, pensar na vida e nas misérias, no oco coração que o homem tem. Este tédio não é suportado pelo homem, Pascal salienta que:

O único bem dos homens consiste, pois, em divertir, o pensamento de sua condição, ou por uma ocupação que dele os desvie, ou por alguma paixão agradável e nova que os ocupe, ou pelo jogo, a caça, algum espetáculo atraente e finalmente por aquilo a que se chama divertimento. (PASCAL, 2001, p.51)¹⁷⁸

Se o homem não busca este divertimento esta maneira de não ocupar-se cai com propriedade e certeza no tédio, sabendo desta certeza ao olhar para dentro de si o homem se vê em angústia, tédio, e até desespero. Nisto o homem cai no círculo vicioso da busca pelo divertimento de forma constante e linear, pois sabe que nunca poderá viver sem algo que o distraia de sua condição triste e penosa.

Esse movimento em que o homem se sujeita a tramitar, buscando as coisas que lhe ocupem a mente, leva-nos a compreender que, por si só o homem não é suficiente, algo lhe falta para alcançar a felicidade, para se sentir completo e realizado, por isso o seu movimento contínuo em sair de seu estado de vazio. Porém o que ele não percebe é que todo seu esforço

¹⁷⁶Ibidem.p.157.

¹⁷⁷Ibidem.p.53.

¹⁷⁸Ibidem. p.51.

não se satisfaz essencialmente, pois insiste em se preencher de coisas sem relevância e significado, pois o que lhe falta talvez só Deus o pode conceder e lhe tornar completo.

Atualmente, a diversão desenfreada, a curtição intensa sem se preocupar com gastos ou responsabilidades, viver na doce ilusão da curtição sem querer voltar para a dura realidade não desmente o que Pascal havia dito há mais de três séculos. É desse impulso passageiro que carrega a possibilidade de surgir aquilo que escapa à reflexão, deixando aparecer algo que não existe. Sem diversão, nasce o tédio no coração do homem. A tentativa de escapar do tédio através das diversões é sinônimo de uma fuga da realidade, uma fuga do nada que é parte essencial de cada ser humano.

Não temos dúvidas que todos buscam a felicidade, a liberdade. Muitos acreditam que liberdade é a busca desenfreada por prazer e diversão. Assim, nós nos tornamos escravos dos nossos desejos. De modo geral, nós todos sofremos com essas angústias, medos, inseguranças, tristezas, mágoas e dúvidas. Foi dito que a tecnologia ajudaria o homem a superar muitas barreiras, no entanto, todos nós continuamos sofrendo com os mesmos problemas existenciais. Infelizmente, a massa, em busca de distração e diversão fácil para fugir do tédio opressor, encontra refúgio agradável no consumo oferecido pela mídia e pelo discurso publicitário através de ofertas de felicidade ao alcance de todos e a um clique de distância.

A busca incessante de *Divertissement* é a busca do homem pela sua própria felicidade, já que ele deseja se tornar feliz, e fará todas as formas para encontrar esta felicidade perdida. De fato, seja em todas as épocas históricas e, mais ainda atualmente, se o homem olhar para si não poderá ser feliz pois sabe que é cheio de podridão, misérias, em si só se encontra o vazio, e nenhuma criatura com consciência pode ser feliz ao saber que ela não é algo bom nesse mundo, caindo no tédio existencial.

CONCLUSÃO

Nota-se no pensamento antropológico de Pascal uma busca pela compreensão do homem (antes e depois do pecado). Ele procura alcançar um retrato da verdade do ser, sendo que não se pode compreendê-lo sem se referir a estas duas etapas respectivas, pois elas foram adotadas por Pascal para suas reflexões metodológicas. Portanto, o que se pode concluir é que as fronteiras do pensamento pascaliano são infinitas, sobretudo, por ser ocupado com o

destino do homem (divertimento, vazio, tédio, miséria,...). Logo, a sua antropologia é central, porque permite estudar o homem detalhadamente em outros véis que não seja a razão.

A resposta que tradicionalmente nós buscamos sobre a questão do homem está em compreendê-lo somente pela razão, que é fraca e limitada e que se deixa seduzir pela transitoriedade do prazer finito. Pascal, além disso, leva-nos a trilhar o caminho do coração, o qual não pode ser compreendido pela razão. Afirma que no fundo de nossa alma está presente a sede da verdade já presente em sua primeira natureza.

Assim, o homem deixa de ser homem quando foge de si, preferindo esconder-se de sua condição de miserabilidade: *Divertissement*. Aponta para a grandeza, quando este mesmo homem reconhece, desde o fundo da alma, sua natureza decaída retornando, então, à harmonia com Deus que é infinitamente misericordioso.

Ele deixa bem claro, na sua exposição sobre o desejo e o divertimento, que é na agitação diária e tumultuosa que os homens buscam a felicidade e a satisfação transitória das suas paixões como meio para disfarçar suas misérias existenciais e sua infelicidade. Ele é apenas a maneira que o homem distrai de si mesmo e que o impede de ver a realidade. A procura do prazer tornou-se uma constante, entretanto, ele não está no objeto do prazer e sim no processo. Para Pascal, o homem aliena-se no movimento, ou seja, no processo e não no objeto, uma vez que, após ter conquistado o objeto de desejo, ele cai no tédio e se angustia.

A única coisa que nos consola das nossas misérias existenciais é o divertimento e, no entanto, ela é a maior das nossas misérias. É isso que nos impede principalmente de pensar em nós mesmos. O ser humano não consegue viver sem se divertir. Qualquer um que tente ficaria desgostoso, ou seja, cairia no tédio e nos levaria a procurar um modo sólido de sair dele. É por isso que Pascal designa o divertimento como sendo todas as atividades que visam a evitar o tédio, o vazio, o negrume da alma que nos impede de refletir sobre nós mesmos. Ele considera “atividade de diversão” atividades tais como: caça, jogos de azar, dança como entretenimento, bem como todas as atividades consideradas como “sérias”, tais como: guerra, política ou de investigação científica.

Este tema apresentado e desenvolvido pelo filósofo Blaise Pascal, emergiu de um grande número de elementos, dentre os quais não há como privilegiar um e desprezar o outro. Esse tema no ambiente contemporâneo é de extrema importância pois é tão pessoal e tão vivo no nosso dia-a-dia que ninguém poderá negar que se divertir é uma condição para chegar à felicidade, assim o homem se deixa levar ao ponto de esquecer o fundamental. Ele procura

fugir o máximo possível de si mesmo. Já não mais se procura o silêncio ou a reflexão interior do que se é, ou do que se sente.

Portanto, este tema nada mais é do que atual e necessário para entendermos o que se vê em meio à sociedade atual que, muitas vezes ao ser confrontada com tantos sofrimentos e corrupções, se encontra em uma situação de insensibilidade ao próximo e insignificância pelos atos que muitas vezes poderiam escandalizar, assim se vê em um constante combate mediante as coisas que mais oprimem. Hoje, como nunca, o homem tem buscado o divertimento não somente como forma de distração mas como real prazer e a felicidade, que sempre foi um objetivo para o ser humano, também tem sido buscada de forma egoísta e vangloriosa. Assim, concluímos que o homem, como já dizia o filósofo, é quase que incapaz de se reconhecer dependente e insuficiente, tomando como escape do tédio a arma do divertimento.

ABSTRACT

Blaise Pascal is one of the geniuses of his time. After outstanding achievements in mathematics and physics, which earned him a prominent place in the history of scientific development, is a heroic and deep search of the man's knowledge. This thesis aims to analyze, investigate and deepen as Pascal defines man, especially for his analysis Fun (Divertissement) and Boredom. For the following philosophical investigation also analyzed the man's vision before and after the original sin. Therefore, we define our object as the study of human action that seeks to amuse and does not, falls into boredom, in which the central concept is revealed: human failure. Pascal Philosophy is not limited to texts written only for him, but also a rich network of commentators over the centuries have dedicated themselves will understanding of Pascal's work. The challenge of entering the thought of the author and also understand the man, are the motivations for this work.

Keywords: Fun; Philosophy; boredom; fall; society; man; Pascal.

REFERÊNCIAS

ALBAN. Krailsheimer. **Pascal**. Trad. Maria Pecegueiro. Publicações Dom Quixote. Lisboa. Edição 1º abril de 1983.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Pensadores)

ARANHA, Maria L. A. e MARTINS, Maria H. P. **Filosofando: introdução a filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Edição de 1973. École Biblique de Jerusalém.

- CANDIOTTO, Kleber B. B. e BASTOS, Cleverson Leite. **Filosofia da Ciência**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?**. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- DANKL, A. **Apostila de História da Filosofia Antiga**. Anápolis: Institutum Sapientiae, 2016.
- FEYERABEND, Paul. **A filosofia da ciência**. Lisboa: Piaget, 1995.
- GUSDORF, Georges. **Agonia de nossa civilização**. São Paulo: Convívio, 1978.
- HEAR, Anthony O, Karl Popper - **Filosofia e problemas**. São Paulo: Unesp, 1997.
- JOLIVET, R. **Curso de Filosofia**. 15 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1984.
- LOBATO, A. **El pensamiento de Santo Tomás de Aquino para El hombre de hoy: El Hombre em Cuerpo y Alma**. Valência: Edicep, 1995.
- MONDIN, B. **O homem, quem é ele?: Elementos de Antropologia Filosófica**. 2 ed. São Paulo: Edições Paulina, 1986.
- PASCAL, Blaise. “Écrits sur la Grace”. In: **Ouvres complètes**. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 310 – 348.
- _____. **Pensamentos**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana**. São Paulo: Edusp, 2001.
- POPPER, Karl. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Universidade de Brasília.[s.d.]
- REALE, G.; Antiseri, D. **História da Filosofia**, vol1. São Paulo: Paulus, 2014.